

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



HOURCADE, Pierre (Châlons-sur-Marne, 1908 - Aix-en-Provence, 1983)

De meio social modesto, Pierre Hourcade ficou a dever materialmente a sua ascensão curricular ao incentivo dos seus mestres e à ajuda do Estado. Aluno brilhante, depois de obter a licenciatura em *Lettres Classiques*, integra a prestigiosa *École Normale Supérieure* da *rue d'Ulm* em Paris. Léon Bourdon, que acabava de fundar o *Institut Français* de Lisboa, e Georges Le Gentil, fundador do primeiro Departamento de Estudos Portugueses na *Sorbonne*, sugeriram ao Director da *École* que estimulasse vocações lusófilas entre os alunos. Quem se propõe é Hourcade, recebendo uma bolsa para preparar em Coimbra o equivalente do actual Mestrado, um trabalho intitulado *Guerra Junqueiro et le problème des influences françaises dans son œuvre*. Essa primeira estadia leva-o a pedir em 1931 o posto de leitor de francês da Faculdade de Letras de Coimbra. Em 1932, é recebido à *Agrégation de Lettres Classiques* (um exigente concurso nacional de recrutamento de professores do Ensino Secundário), e é nomeado em 1934 leitor de francês na Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1935, é enviado a São Paulo, onde ensina a literatura francesa na então recente Faculdade de Filosofia até 1938. É depois nomeado director do recém-criado *Institut Français* do Porto. A partir de 1941, e até 1962, será adido cultural da Missão diplomática francesa em Portugal, e Director do *Institut Français* de Lisboa, com um curto parêntese: foi demitido em 1943 pelo governo de Vichy e substituído no *Institut* por Jacques Vier, um discípulo de Maurras, que pela violência tomou posse da parte nascente do Palácio de Santos, a 18 de Outubro. Pierre Hourcade, apoiado pela grande maioria dos professores (Teyssier, Guibert, entre outros), abre um *Institut* paralelo na rua das Praças. Por esse tempo já estava relacionado com as organizações de resistência à colaboração com o nazismo, que formarão a partir de Junho de 1944 o *Gouvernement provisoire de la République française*. Em Setembro de 1944, Hourcade volta ao Palácio de Abrantes, e desempenha até 1962 uma notável actividade de difusão cultural franco-portuguesa.

É nomeado posteriormente director do *Institut Français d'Amérique Latine* no México, e adido cultural e de cooperação técnica da Embaixada de França do mesmo país. Acabará a carreira em Ancara, em idênticas funções desde 1968, pedindo a reforma em 1973. Em Aix-en-Provence, onde se retirou, volta a dedicar-se aos estudos portugueses, colaborando na *Colóquio/Letras* e leccionando literatura portuguesa e brasileira a estudantes de *Agrégation* na universidade. Morre em 1983.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Pierre Hourcade, que desempenhou um relevante papel histórico-cultural ao longo da vida, tem um percurso intelectual fortemente ligado à literatura portuguesa. Muito cedo teve a sorte de frequentar a geração da *Presença*, e particularmente José Régio, Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões, pondo-o este em contacto com Carlos Queirós, sobrinho de Ofélia, que o apresenta a Fernando Pessoa, já em 1930. Nesse mesmo ano, numa pequena revista parisiense de breve duração, *Contacts*, Hourcade narra o seu encontro com o poeta, a quem deve, diz, a sua vocação de lusitanista. Mas é em 1933, na revista marsehesa *Cahiers du Sud*, que dá a conhecer aos franceses o itinerário de Fernando Pessoa numa penetrante análise, que intitula *Brève Introduction à Fernando Pessoa*, seguida da tradução de cinco poemas, um dos quais do ortónimo. Em 1931, Hourcade tinha oferecido aos leitores dos *Cahiers* uma bela *Défense et illustration de la poésie portugaise*, primeira apresentação em França do modernismo português, completada na pequena revista *Yggdrasil* em 1938 sob o título *Panorama de la poésie portugaise moderne*. Na *Défense*, depois de denunciar a confusão que ainda existia nos espíritos entre Espanha e Portugal, mostra como neste país história e poesia estão intimamente ligadas, e insiste no cosmopolitismo da literatura portuguesa sublinhando nela a importância da França. Na *Introduction* a Pessoa, caracteriza o criador dos heterónimos como “o mais europeu” dos poetas lusos, analisando subtilmente a saudade como coração da heteronímia, mas salientando ao mesmo tempo que este “planeta solitário” /.../ é o mais digno da universalidade dos poetas portugueses do nosso tempo”.

Em 1932, também nos *Cahiers du Sud*, Hourcade escreve uma *Lettre Portugaise*, breve e vibrante homenagem a Portugal, onde sublinha que não só conquistou meio mundo como preparou metodicamente as suas descobertas, enriquecendo os conhecimentos de astronomia, geografia e arquitectura náutica, inaugurando, ao mesmo tempo que a economia moderna, a ciência dos tempos novos, e dando à incipiente Europa a autêntica imagem de um Império, que impôs a sua marca – nomes, elementos linguísticos - a continentes desconhecidos, África, América, Ásia.

O *Bulletin des Études Portugaises*, criado em 1931, em parceria com a Universidade de Coimbra, publica logo no primeiro número dois artigos de Hourcade, *Panorama du modernisme littéraire en Portugal*, e *La seconde génération de Coimbra et la revue A Folha (1868-1873)*, início da sua colaboração regular com crónicas e recensões. A estada conimbricense de Hourcade também deu lugar a um curto e belo ensaio, *L'esprit de Coimbra*, publicado em 1937 nessa cidade, em que celebra a continuidade histórica secular da universidade.

A partir de 1936 o tempo político é marcado em Portugal pelo apoio de Salazar aos falangistas logo que começa a guerra civil de Espanha, e sobretudo pela neutralidade portuguesa declarada em 1939 em relação ao conflito - que desencadeou a II Guerra Mundial - entre a França e a Alemanha. A situação do corpo diplomático francês não é fácil, tanto mais que as celebrações do Congresso do Mundo Português de 1940, inauguradas a 23 de Junho - o dia seguinte ao Armistício, e cinco dias depois do *Appel du 18 juin* de De Gaulle - implicam mensagens de várias entidades francesas, que evitam prudentemente imiscuir-se na



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

actualidade política portuguesa.

É nesse âmbito que Hourcade foi instado a traduzir vários discursos de Salazar susceptíveis de interessar o Maréchal Pétain, num livro composto no fim de 1938, e que saiu em França publicado pela casa Flammarion, com visto de Fevereiro de 1939, ou seja antes de começar a guerra franco-alemã. Também se publicou sobre o Congresso em 1940 um número especial dos *Cahiers du Sud*, apoiado pelo SPN e António Ferro, com Introdução de Raymond Warnier (na altura director do *Institut Français* de Lisboa), e prefácio do próprio Salazar. Pierre Hourcade nesse número escreve um precioso artigo intitulado *La vocation universaliste du Portugal* - tópico caro a historiadores portugueses como Jaime Cortesão e Magalhães Godinho - onde define o país de Camões pela tensão entre permanência e movimento, pelo “ser” mais que pelo “fazer”, sublinhando que as Descobertas não dependeram só de um condicionalismo geográfico-histórico, antes da necessidade definitiva de estar “présent au monde”. E opõe a seguir a noção de império à de expansão, diferenciando assim o transitório do duradouro, antes de salientar a propensão afectiva dos portugueses, embora apegados ao torrão. Mas para Hourcade, o universalismo parece proceder do conceito inicialmente católico de fraternidade humana solidária na Terra.

Nos *Temas de literatura portuguesa* (1978), livro que reúne parte das suas diversificadas produções traduzidas em português, Pierre Hourcade lembra num breve prefácio o seu itinerário de lusitanista, destacando a vontade que nele nasceu de escrever sobre a literatura de Portugal para “romper a indiferença, por ignorância, do público culto francês relativamente a autores portugueses”, considerando-se nisso como um “iniciador” e um “revelador”. No primeiro ensaio, *Panorama da literatura portuguesa*, insiste sobre a originalidade nacional da produção literária, que resistiu a uma possível sufocação pela “poderosa Espanha”, e, novamente descobre, ao longo das épocas, a busca de um equilíbrio entre “o particularismo estreito e a aspiração ao universal”, entre “a vocação nacional” e “o mundo circundante”, exemplificando com Camões, Eça de Queiroz, - criador de um “romance português de interesse universal” - e Pessoa, entre outros. Estudando as “influências francesas sobre a literatura portuguesa”, considera que a larga cultura europeia enriqueceu a portuguesa, e que as literaturas que se fecham em si mesmas se estiolam. Retoma o tema em *Eça de Queirós e a França*, defendendo que o autor de *Os Maias* não só não foi um escritor desnacionalizado, como, pelo contrário, encontrou na cultura francesa “os meios de regenerar a cultura nacional”.

Bibliografia activa: *Bulletin des Études Portugaises* (contribuições de 1931 a 1977); “Défense et illustration de la poésie portugaise vivante”, *Cahiers du Sud*, n°128, Marseille, Fevereiro de 1931, pp. 45 à 51; “Lettre Portugaise”, *Cahiers du Sud*, n°137, Janeiro-Fevereiro de 1932, sem pág., 3 folhas; “Brève introduction à Fernando Pessoa”, *Cahiers du Sud*, 20° ano, n°147, Janeiro de 1933, pp. 66-73; *L’esprit de Coimbra*, Coimbra, Coimbra Editora, 1937, 20 p.; “La vocation universaliste du Portugal”, *Cahiers du Sud*, tome XIX, n° 226, 27° ano, Julho-Agosto de 1940, pp. 84-93; *Le Portugal et la crise européenne*, Paris,

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Flammarion, 1940 (tradução por encargo de vários discursos de Salazar); “O ensaio e a crítica na *Presença*”, *Colóquio-Letras*, n.º38, Julho de 1977, pp. 20-30; *Temas de literatura portuguesa*, Lisboa, Moraes ed., 1978.

Bibliografia passiva: BOURDON, Albert-Alain, “Aux origines de l’Institut Français au Portugal. Les relations culturelles entre la France et le Portugal au début du XX^e siècle”, *Actas do Colóquio Lisboa, atelier du lusitanisme français*, Paris, Presses Sorbonne nouvelle, 2005, pp. 43-53; *Cahiers Du Sud*, T. XIX, *Julho-Agosto de 1940*, *cit.*; FRANÇA, José Augusto, “Culture, Arts et Lettres dans le Portugal des années quarante”, *Actas do Colóquio Lisboa...*, *op.cit.*, pp. 21-31; JANEIRO, Helena Pinto, *Salazar e Pétain: relações luso-francesas durante a segunda guerra mundial (1940-44)*. Lisboa, Cosmos, 1998; MARTINS, António Coimbra, “Lisbonne en 1940. Politique, culture, relations luso-françaises”, *Actas do Colóquio Lisboa...*, *op.cit.*, pp. 7-19; MEDINA, João, *Salazar em França*, Lisboa, Ática, 1977; PIWNIK, Marie-Hélène, “Pierre Hourcade, le Portugal et la France”, *Actas do Colóquio Lisboa...*, *op. cit.*, pp. 55-64; RIVAS, Pierre, “Lusophiles français à Lisbonne en des temps incertains”, *ibid.*, pp. 33-42; *IDEM*, “Les Cahiers du Sud : Pierre Hourcade et Ribeiro Couto”, *Encontro entre literaturas. França. Portugal. Brasil*, São Paulo, Hucitec, 1995, Livro IV, cap. 5, pp. 269-275; TEYSSIER, Paul, “In memoriam Pierre Hourcade”, *Bulletin des Études Portugaises*, n.º 44-45, 1983-1985, pp. 429-437.

Marie-Hélène Piwnik



APOIOS:

